

Relação entre a Funai e o pesquisador.

CEDI - P. I. B.
DATA 11.06.86
COD. MT 006

A minha experiência leva-me a supor que a relação entre a Funai e o pesquisador sempre cria tensão e desconfiança mútuas. Tendo solicitado uma autorização de um ano, tive que esperar de novembro de 1980 até setembro de 1981 para que a Funai me concedesse autorização de apenas três meses para entrar no campo. Indo a Brasília em novembro de 1981 consegui obter uma segunda autorização válida de janeiro a novembro de 1982.

A demora em me conceder autorização foi ocasionada por um relatório referente ao meu comportamento na época de uma visita que fiz aos Txukarremãe depois da morte pelos índios de doze peões em 1980. Na época ofereci meus serviços à Funai como observadora, e a ABA me nominou sua representante no caso. A Funai aceitou minha oferta e me levou a Kretire sem explicitar qual seria minha missão.

Antes da Funai aprovar a nova autorização fui submetida a um interrogatório pelo Coronel Zanoni e pelo Coronel Silveira. Este último me disse que eu tinha sido acusada de andar nua no campo e queria que eu respondesse à acusação. Fiquei indignada e disse que não era o caso.

Na chegada ao campo em 1981, o chefe do PIV (Posto Indígena de Vigilância), Reginaldo Flores da Costa me informou que em 1980 tinha datilografado um relatório que me denunciava por ter insulflado os índios contra o governo, e que me criticava por ter me apresentado aos índios como representante da ABA e não como funcionária da Funai. Me informou também que esse relatório foi encomendado a Fantim (então chefe do PIV) pelo Chico (Diretor do Parque Nacional do Xingu).

A autorização No. 044/81, referente ao ano 1981, assinada por Octavio Ferreira Lima, contém o seguinte parágrafo que Não deparei quando recebi a autorização, e que fornece mais uma prova da existencia do relatório, negada pelo Presidente Local:

k) fica a antropóloga Vanessa Rosemary Léa alertada pela AGESP/FUNAI, restringindo-se às suas atividades de pesquisas mediante um contrato profissional, nas áreas indígenas do PQXIN, compreendendo-se a não interferir nos padrões

culturais indígenas e na administração da FUNAI local ficando pois, ciente das restrições que lhe são impostas face a sua atuação anterior.

No campo tive dois problemas com o chefe do PIV - Reginaldo Flores da Costa. Primeiro, ele recebeu de mim a quantia de Cr.5.000,00 por uma encomenda de mantimentos, mais Cr.3.000,00 para me comprar anzóis e linha. Depois foi embora do Parque sem comprar a comida. O próximo chefe do PIV não sabia nada a respeito da encomenda e me cobrou Cr.4.000,00 em transporte para que eu pudesse ir pessoalmente ao Banguê Banguê fazer minhas compras. Inesperadamente Reginaldo voltou ao Parque, três meses depois, atendendo a um pedido do Presidente da Funai, para uma missão específica. Depois de questioná-lo pelo rádio e por carta várias vezes sobre minha encomenda ele finalmente devolveu o dinheiro.

Em maio de 1982 comuniquei aos Txukarramãe meu interesse em assistir a cerimônia de nomeação masculina em Jarina. Os índios concordaram e o chefe do Posto de Kretire obteve pelo rádio o consentimento do chefe Kremoro em Jarina. O outro chefe de Jarina (Kromari) se encontrava em Kretire de onde autorizou minha ida. O capitão (Romni) também concordou, e viajei na companhia do chefe da aldeia de Kretire (Ngayre Mû). A comunicação por rádio entre Kretire e Jarina foi feita em Kayapo, sem os administradores brancos tomar conhecimento.

Eu viajei junto com o chefe do Posto de Jarina (Fantin) e a mulher dele (voltando a Jarina de férias na cidade) mas eles acabaram ficando no PIV e passei por lá sem encontrá-los. Quando Reginaldo soube pelo motorista da Funai do PIV que eu e a Professora de Kretire tínhamos ido a Jarina ele gritou pelo rádio querendo saber com que autorização eu tinha ido a Jarina. Mandei lhe dizer que minha autorização do Presidente Leal era válida para Jarina, e que Mekaron, como chefe do Posto de Kretire, tinha concordado com minha ida. Reginaldo respondeu que Mekaron não tinha autoridade para resolver questões administrativas, e que embora respondesse pelo chefe do Posto não era o chefe. Escutei toda essa conversa.

Os Txukarramãe ficaram revoltados com o comportamento de Reginaldo, porque temiam que ele pudesse demitir a professora de Krotire. Mekaron também ficou furioso e decidiu utilizar esse pretexto para resolver definitivamente se é ou não chefe de Posto. Mekaron, numa viagem ao Banguê Banguê comigo e o chefe da aldeia, entrou em discussão com Reginaldo sobre esse assunto. Ele disse a Reginaldo que um Txukarramãe já tinha pego uma carabina para matar Reginaldo, e outros tiveram a mesma idéia, mas que ele (Mekaron) os deteve. Pediu a retirada imediata de Reginaldo do PNX.

Me tomando como aliada de Mekaron, Reginaldo me atacou. Disse que eu não ia arruinar sua carreira de 13 anos na Funai, e que somado este episódio ao meu comportamento anterior não voltaria mais ao PNX. Pouco tempo depois Reginaldo foi embora, mas o assunto não foi mencionado pelo Chico ou pela Funai em Brasília. Reginaldo tinha dito que ia mandar um relatório para o DGO. Mekaron disse que também mandaria, coisa que fez alguns dias depois. Informei Reginaldo que eu faria um relatório para a ABA.

Reginaldo me disse que outro relatório foi feito quando os índios de Jarina não aceitaram minha ida até lá em novembro de 1981, depois deles terem brigado com Donald Hunterford - antropólogo americano. Disse que o DGO mandou uma ordem proibindo minha ida a Jarina, e me acusou de ignorar esta ordem. Nem eu nem Mekaron sabíamos de nada a respeito desse rádio. Reginaldo disse que Chico ia ficar bravo quando soubesse que eu também tinha ido ao Posto Diauarum sem autorização. Naquela ocasião tinha viajado com Mekaron e não passou pela cabeça informar à Funai.

Antes de minha ida ao campo, o Presidente Leal disse que interessava à Funai ouvir a opinião de antropólogos, mas na ocasião da visita de Andreazza ao Posto Leonardo não fui convidada. No início de junho houve uma reunião importantíssima de toda a liderança Kayapo, Xicrin, Suya e Kreen Akore, em Gorotire. A Funai não me comunicou a respeito da reunião. Na volta dos representantes de Krotire, provenientes de Gorotire, os índios me informaram que não

havia nenhum antropólogo na reunião e nenhum jornalista de fora dos quadros da Funai.

Foi uma reunião histórica, para tratar do desejo dos Kayapo de juntar suas terras, ou pelo menos garantir em perpetuidade livre acesso, para os próprios índios, de uma reserva Kayapo para outra. Foi discutido então várias transferências possíveis de grupos Kayapo. As propostas sobre transferências de terra nessa reunião foram as seguintes:

- 1- Transferir os Xicrin de Catete para a Reserva Gorotire.
- 2- " a aldeia de Bau para Puka Nû.
- 3- " os Karapao para Kikre Tum

A Funai rejeitou a proposta dos índios de juntar o território dos Kayapo de Gorotire e de Mekranoti. Assim sendo os Kayapo ficarão divididos em duas conglomerações.

Os Txukarramãe tornaram a aceitar a manutenção da existência da estrada BR-80, mas estão considerando a possibilidade de juntar-se com o resto dos Mekranoti, transferindo sua aldeia para o norte da estrada. Exigem a retirada dos soldados (aproximadamente seis) baseados no PIV, na BR-80. Exigem a demarcação do Kapoto (veja Descrição do grupo) este ano. Os Txukarramãe mantêm a exigência de demarcar a beira oeste do rio Xingu (lugar do massacre dos peões) numa faixa de 15 km. para proteger os recursos do rio dos caraíba.

Os Mekranoti já plantaram roças na beira do rio Iriri novo e pretendem transferir-se definitivamente na época da colheita. A área que vão abandonar tem depósitos de ouro, e os índios perderão todos direitos sobre essa terra. Nenhum antropólogo está participando deste projeto.

Levei aos Txukarramãe o mapa da proposta de Eletronorte de fazer uma série de barragens nos rios Xingu e Iriri. Romni, junto com as lideranças de Mekranoti e Bau, exigiu que eu levasse uma carta à cidade dizendo que iriam matar os caraíba que tentassem

fezer barragens na sua terra. Mandeí a carta a Mekaron em São Paulo, pedindo-lhe que entregasse à Eletronorte, para onde havia combinado com Olimpio Serra de levar Mekaron. Em Brasília Mekaron acabou entregando a carta à Funai, e eu não soube mais nada sobre o assunto. Anexo uma cópia desta carta. Ela contém os nomes de toda a liderança Kayapo que estava presente na reunião em Gorotire.

Saúde.

Hoje em dia há uma assistente de enfermagem em Kretire, mas não há nenhum programa de medicina preventiva. As doenças comuns são gripe, malária e diarreia. Não há microscópios no Parque para detectar o tipo de malária, nem para fazer exames de laboratório para vermes, ameba etc. Eu, por exemplo, voltei do campo com salmonella, e não há como detectar esta bactéria no PNX.

Em casos de febre o remédio mais utilizado é Novalgina que é administrada a adultos, crianças e bebês. Nos EUA esta droga já foi retirada do mercado por modificar a composição de células no sangue. Os Txukarramãe são viciados em remédios e nunca recebem nenhuma orientação sobre efeitos colaterais.

Nos casos de gripe, em vez de usar mel e limão que são disponíveis, os Txukarramãe vão à farmácia para exigir injeções, xerops etc. A situação é difícil de resolver. Se a enfermeira se recusa a dar medicamentos, os índios queixam-se dela estar 'segurando' os remédios. Por isso é um círculo vicioso; a enfermeira dá remédios mesmo quando não é preciso, só para manter um clima de paz.

Uma nova farmácia está sendo construída quase dentro da aldeia, quando seria mais razoável ficar no Posto. Isto vai fortalecer a dependência de medicamentos. No Posto há luz elétrica na farmácia, e se a eletricidade for trazida à nova farmácia seria uma desculpa para exigir luz para a aldeia.

O médico da Funai tem planos para construir poços na

aldeia. As vantagens de tal projeto precisam ser avaliadas com cuidado. Uma médica da Escola Paulista me informou que se, por exemplo, pássaros caíssem no poço, isto tornaria-se uma fonte de contaminação pior do que o próprio rio.

Talvez a crítica mais séria do serviço médico é a falta de fichas sobre os pacientes. Há uma alta rotatividade entre os administradores de remédios, e não há como controlar a frequência com que uma pessoa toma remédios tóxicos, antibióticos etc. Esses últimos, administrados em excesso, podem causar decalcificação de dentes e ossos, segundo informação de uma médica da área.

O aspecto de saúde mais chocante para as pessoas de fora é o estado dos dentes. Os Txukarramãe estão aumentando seu consumo de açúcar, principalmente desde a construção do PIV. Funcionários da Funai recebem cotas de açúcar regularmente, e o açúcar acaba circulando pela aldeia. Indivíduos também vão ao PIV para exigir açúcar, sal etc. Além disso, todas as crianças tomam xarope com regularidade. Hoje em dia o apodrecimento dos dentes é visto em crianças desde a primeira dentição; há adolescentes quase sem dentes, e dor de dente é um fato cotidiano entre os Txukarramãe.

A falta de planejamento é evidente em todos os níveis. Observei uma visita da Sucam para dedetizar as casas. Os índios proibiram a dedetização da maioria das casas por medo de matar seus animais de estimação, utilizados hoje em dia basicamente para fabricar cocares para vender à Funai. Se as medidas certas são tomadas não há perigo para os animais, mas é necessário encontrar um meio de esclarecer os índios sobre isso.

É evidente que os problemas sanitários são o resultado de mudanças engendradas pelo contato com o mundo ocidental. Hoje em dia a aldeia é cheia de cachorros, portadores de vermes e escabiose. Todos os índios usam roupas, cobertores etc. sem ter acesso regular a sabão. Todos usam panelas sem ter como limpá-las ou onde guardá-las fora do alcance dos cachorros. Há uma tendência entre as

enfermeiras de resignar-se à sujeira dos índios, supondo que são assim mesmo e não têm jeito. Por isso tentam resolver tudo na base de medicação.

Educação.

Nesta esfera também a política é a de tampar buracos sem a tentativa de organizar seriamente um projeto de educação. A Funai contratou uma professora para Kretire, mas o assunto começa e termina aí. A professora não recebeu nenhum treinamento linguístico para poder entender as dificuldades dos Txukarramãe em aprender português, ou mesmo para saber transcrever os nomes dos alunos. Durante sete meses que passei em Kretire a professora não recebeu nenhum material didático. Eu e ela acabamos indo independentemente ao Posto Diauarum para mimeografar a cartilha Kayabi. A professora também utilizou a cartilha que escrevi com outra antropóloga em 1979.

Na volta do campo visitei o departamento de educação da Funai para sugerir que esta instituição republicasse essa cartilha, com algumas modificações, para utilização nas escolas Txukarramãe. Conforme me foi solicitado envio anexo uma cópia dessa cartilha, e algumas modificações discutidas com o chefe de Posto nativo em Kretire. Já tenho uma coleção completa de ilustrações feitas pelos Txukarramãe para utilizar na cartilha, caso fosse republicada.

Poucos Txukarramãe falam português, e talvez fosse mais eficaz alfabetizar primeiro em Kayapo. Uma missionária do SIL chegou em Kretire em maio de 1982 para dar aulas em Kayapo. Tenho várias críticas da cartilha e do método de ensino do SIL, mas não há espaço para elaborar esse assunto aqui. De qualquer maneira, dados os objetivos do SIL de evangelização, pergunta-se porque a questão de alfabetização indígena não é colocada nas mãos de linguistas brasileiros leigos.

Projetos de desenvolvimento econômico.

Em 1978 os Txukarramãe começaram a vender artesanato através da Funai. De um lado isso é benéfico; os índios entram numa relação de troca com a sociedade nacional. De outro lado a proporção de bens vendidos - especialmente cocares - está crescendo cada vez mais, sem nenhum interesse na possível extinção dos pássaros usados na sua feitura. Me pergunto por quanto tempo ainda existirão araras, recengos etc. para produzir os cocares necessários à realização das cerimônias nativas. Além disso parece haver uma tendência dos homens dedicarem cada vez mais tempo à produção de artesanato e isso está prejudicando o tempo dedicado às atividades de subsistência.

O chefe de Posto Txukarramãe (Mekaron) quer comercializar desenhos de pinturas corporais feitos pelas mulheres. Como experimento seria interessante estimular esta idéia, porque daria às mulheres a possibilidade de faturar independente dos homens, e sem prejudicar o meio ambiente.

A Funai está incentivando projetos agro-pecuários com empréstimos de capital. O chefe de Posto se entusiasmou com a idéia de criar gado, mas o projeto era muito confuso e sem a orientação apropriada. Os Txukarramãe logo pediram comida da Funai para remunerar o trabalho em roças comunitárias, sem entender que depois teriam que pagar o empréstimo. Evidentemente é absurdo importar comida ao Xingu, mas já que os funcionários da Funai recebem comida, todos querem. Uma saída seria abastecer os funcionários com alimentos cultivados dentro do Parque.

O PIV.

O PIV foi criado depois da morte dos peões, e a delegacia do Banque Banque (São José do Xingu) se encontra lá, com uma meia dúzia de soldados e uma prisão com uma cela. Este Posto contribui.

para modificar a vida em Kretire. Hoje em dia há um trânsito regular de barcos de motor entre o PIV e Kretire. Todos os Txukarramãe de Kretire plantaram suas roças perto do PIV o ano retrasado, e os homens frequentam o Posto atrás de alimentos e fumo. Antes não havia contato com o vilarejo do Banguê Banguê, mas agora, por intermediário do PIV, as viagens são cada vez mais freqüentes.

Paternalismo.

Qualquer política relacionada aos Txukarramãe, e grupos parecidos, não pode escapar do fato de que os índios estão deslumbrados com a riqueza material do caraíba. Daí torna-se imperativo estimulá-los a ficarem autônomos na medida do possível. Estamos conscientes de que a super-abundância de bens (concebida pelos Txukarramãe como sendo disponível a qualquer caraíba) incentiva-os a aumentar sua dependência da sociedade envolvente, sem refletir sobre as consequências.

Depois de consolidar o processo de pacificação, garantindo uma relativa obediência dos índios ao governo, satisfazendo-os com presentes, a Funai, através de Olimpio Serra, então Diretor do PNK, tentou modificar esta relação paternalista e estabelecer um grau de reciprocidade, possibilitando os índios trocar artesanato por bens industrializados.

Nesta última etapa no campo pude observar que a Funai não mantém uma só política em relação aos índios. Enquanto estimula projetos de artesanato e agro-pecuários continua a dar 'presentes' de uma maneira paternalista. Os Txukarramãe são grandes consumidores de fumo, mas em vez de ensiná-los a cultivar fumo de rolo a Funai dá fumo de presente com um orçamento presidencial referente a brindes.

Um legado do paternalismo é que o Diretor do PNK só

ganha popularidade na medida em que dá muitos presentes. Os índios do PNX estão acostumados a vender sua lealdade por presentes. É contraditório promover projetos de desenvolvimento econômico para a venda de produtos à sociedade nacional enquanto os índios continuam esperando satisfazer suas necessidades por meio de 'presentes'.

Nunca vi nenhum projeto no Xingu orientado para melhorar o padrão de vida da aldeia. Os índios expressaram interesse em aprender a construir fornos para fazer farinha (um alimento recentemente adquirido), de aprender a fazer rapadura e cultivar fumo. Os recursos da Funai disponíveis para comprar esses bens poderia ser melhor empregados ensinando os índios a produzir tais artigos autonomamente.